

O PORTUGUÊS FRONTEIRIÇO DE JAGUARÃO (BR) E RIO BRANCO (UY): MAPEAMENTO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DESCRITIVOS¹

BORDER PORTUGUESE IN JAGUARÃO (BR) AND RIO BRANCO (UY):
A SURVEY OF DESCRIPTIVE LINGUISTIC STUDIES

Gabriela Tornquist Mazzaferro | [Lattes](#) | gabrielatornquist@unipampa.edu.br
Universidade Federal do Pampa

Leonor Simioni | [Lattes](#) | leonorsimioni@unipampa.edu.br
Universidade Federal do Pampa

Camila Witt Ulrich | [Lattes](#) | camilaulrich@unipampa.edu.br
Universidade Federal do Pampa

Resumo: O presente artigo tem como objetivo mapear estudos linguísticos do português falado nas cidades de Jaguarão (Rio Grande do Sul, Brasil) e Rio Branco (Cerro Largo, Uruguai). A hipótese é de que haja uma escassez de trabalhos com dados linguísticos nessa região, em especial voltados ao português uruguaio e estudos comparativos. O mapeamento revelou a existência de trabalhos que abordam o português falado em Jaguarão (BR) ou em Rio Branco (UY), em relação a aspectos fonético-fonológicos e morfossintáticos. Não há registro de trabalho de cunho morfológico, semântico ou pragmático, nem de trabalhos comparando as duas variedades. Também há apenas dois trabalhos de cunho histórico, apesar de se tratar de localidades povoadas desde o final do séc. XVIII. No campo fonético-fonológico, o maior destaque é para a descrição do sistema vocálico, enquanto no campo morfossintático, os estudos tratam dos pronomes pessoais. Os estudos sobre o português em Rio Branco revelam um cenário heterogêneo em relação a outras variedades uruguaias do português. Além disso, há estudos sobre percepção, atitude, paisagem e política linguística na região, que revelam a complexidade das atividades linguísticas dos habitantes da fronteira. Tais resultados justificam a proposição de projetos que se preocupem em não tratar a fronteira Brasil Uruguai de modo homogêneo – como, por exemplo, a criação de um banco de dados de fala de Jaguarão e Rio Branco, que vise documentar e preservar o português falado como língua materna pelos brasileiros e como língua de herança ou contato pelos uruguaios, sendo fonte privilegiada para registro, estudo e descrição do português.

Palavras-chave: Português fronteiriço; Mapeamento linguístico; Variação e mudança linguística; Jaguarão (BR); Rio Branco (UY).

¹ Este estudo é desenvolvido no âmbito do Núcleo de Estudos Formais (Formalin) do Laboratório de Linguística do Português (LALIP), da Unipampa – Campus Jaguarão, e faz parte da agenda de pesquisa do Grupo de Pesquisa Línguas e Literaturas na Fronteira – Unipampa.

Abstract: The aim of this paper is to map linguistic studies on the varieties of Portuguese spoken in the cities of Jaguarão (Rio Grande do Sul, Brazil) and Rio Branco (Cerro Largo, Uruguay). We hypothesize that there are very few papers on linguistic data from this region, especially on Uruguayan Portuguese and comparative studies. The survey revealed the existence of papers on Portuguese spoken in Jaguarão (BR) or in Rio Branco (UY), with regards to their phonetic-phonological and morphosyntactic aspects. There are no investigations on morphology, semantics or pragmatics, nor investigations that compare both varieties. There are only two papers on diachrony, even though these localities have been populated since the end of the XVIII century. In the field of phonetics and phonology, prominence is given to the description of the vowel system while morphosyntax studies deal with personal pronouns. Studies on Rio Branco Portuguese reveal a complex and heterogeneous scenario in comparison with other Uruguayan Portuguese varieties. Furthermore, studies on perception, linguistic attitudes, linguistic landscape and language policies reveal the complexity of the linguistic activities developed by border inhabitants. These results corroborate project proposals that don't regard the BR - UY border as an homogeneous object – such as the creation of a linguistic database with spoken data from Jaguarão and Rio Branco, with the purpose of registering and preserving Portuguese spoken as a first language by brazilians and as a heritage or contact language by uruguayans. Such project will be a privileged source for registering, studying and describing Portuguese.

Keywords: Border Portuguese; Linguistic mapping; Language variation and change; Jaguarão (BR); Rio Branco (UY).

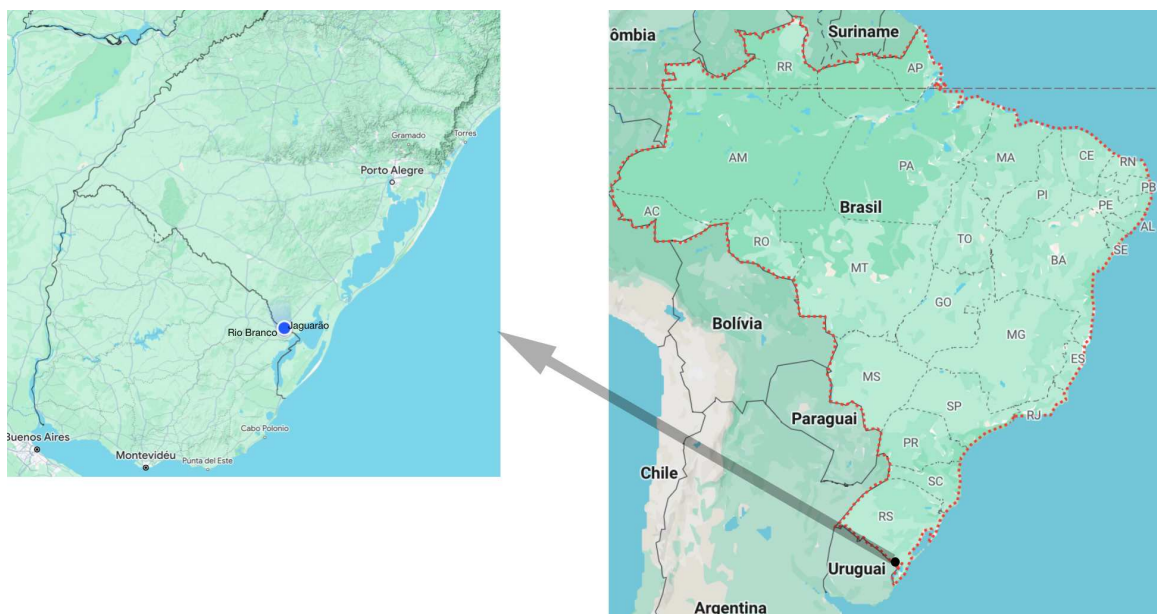
1. Introdução

Tendo em vista que estudos descritivos sobre o português do e no Brasil mostram-se fundamentais para uma compreensão mais completa da língua e da sociedade brasileira, além de contribuírem para o desenvolvimento de políticas linguísticas mais inclusivas e para o avanço das teorias, o presente artigo apresenta um mapeamento dos estudos linguísticos sobre o português falado nas cidades vizinhas de Jaguarão, Rio Grande do Sul, Brasil e Rio Branco, Cerro Largo, Uruguai. Este estudo, que demonstra a escassez de trabalhos com dados linguísticos na região Extremo Sul do Brasil, justifica a proposição de um banco de dados que compreenda o português falado “dos dois lados” da fronteira, uma vez que, ainda que o senso comum caracterize a situação linguística fronteiriça como uma “mistura de línguas” (“portunhol”), Carvalho (2003) defende que o português falado nas zonas fronteiriças uruguaias como língua de herança seja tratado como um dialeto do português – o português uruguaio (doravante, PU) –, o que é corroborado por autores como Souza, Chaves e Simioni (2018) e Simioni (2019), entre outros.

Ao retratar as origens históricas da situação linguística na fronteira do Uruguai com o Brasil, Rona (1965) chama a atenção para o fato de que todo o norte do país foi ocupado por populações de origem portuguesa e brasileira desde antes do processo de ocupação por colonos espanhóis, situação que perdurou mesmo após a independência do Uruguai (em 1828). Segundo os dados do primeiro Censo realizado no Uruguai, em 1860, de um total de 200.000 habitantes no país, 40.000 eram brasileiros, ocupando aproximadamente 47.000km² justamente na região nordeste (Elizaincín; Behares; Barrios, 1987). A situação linguística da região começa a se alterar a partir da segunda metade do séc. XIX, através de iniciativas como a fundação de diversos povoados nas zonas de fronteira (entre os quais Villa Artigas, atualmente Rio Branco) e o Reglamento de Instrucción Pública (1877), que previa o acesso gratuito e universal à educação, que deveria ser desenvolvida em língua nacional. A partir daí, instaura-se progressivamente uma situação de bilinguismo diglótico (Behares, 2007), permanecendo o português no território uruguaio como língua de herança e como língua de contato. É a partir desses fatos históricos que Simioni (2021) investiga a hipótese de que o português falado no Uruguai como língua de herança preserve resquícios da gramática do português falado no Brasil na primeira metade do século XIX, antes das notórias mudanças que caracterizam o PB atual².

Especificamente sobre o PU falado na fronteira do departamento de Cerro Largo, onde localiza-se a cidade de Rio Branco (UY), há poucos estudos. O mapa a seguir (Figura 1) ilustra a localização das duas cidades.

Figura 1 — Mapa indicativo da localização das cidades de Jaguarão (BR) e Rio Branco (UY)



Fonte: Google Maps

² Vejam-se, por exemplo, os trabalhos descritos em Roberts e Kato (1995), Galves, Kato e Roberts (2019) e os volumes da coleção História do Português Brasileiro (Castilho, 2018-22).

A ocupação dos territórios que hoje correspondem a Rio Branco (UY) e Jaguarão (BR) remonta ao final do séc. XVIII e início do séc. XIX, respectivamente, com a Guardia Arredondo (1792) e a Guarda do Serrito e da Lagoa (1802). Jaguarão foi instituída como município em 1832 e elevada à condição de cidade em 1855, enquanto Rio Branco, outrora Villa Artigas (1852), mudou de nome em 1915 e adquiriu o estatuto de cidade em 1953.

A cidade de Jaguarão localiza-se a 390 km de distância de Porto Alegre, tem cerca de 26.603 habitantes, conforme os dados do Censo 2022, e está ligada à cidade de Rio Branco por meio da Ponte Internacional Mauá, que passa sobre o Rio Jaguarão. Essa ponte facilita o acesso à zona de compras livre de impostos, os *free shops*, localizados em Rio Branco, responsáveis por fomentar a economia local, que se baseia, também, em pecuária, agricultura, comércio e turismo. Em relação ao Mercosul, essa é uma importante ligação comercial, já que o caminho mais curto entre Porto Alegre e Montevideu é o que passa entre essas duas cidades.

Ainda assim, como ficará claro neste artigo, a grande maioria dos trabalhos sobre o português (brasileiro ou uruguaio) falado na fronteira ora compara variedades do português brasileiro (doravante, PB) entre si, ora compara variedades do PU entre si; outros trabalhos enfocam exclusivamente uma variedade do PB ou do PU (neste último caso, prevalecem os estudos sobre a variedade de Rivera - UY). Para contribuir com essa descrição, o banco de dados COLORES (Contato Linguístico Oral da Região Extremo Sul), específico do português falado nas cidades fronteiriças de Jaguarão e Rio Branco, está sendo construído com o propósito de documentar e preservar o português falado como língua materna pelos brasileiros e como língua de herança pelos uruguaios. O banco será uma fonte privilegiada para documentação, estudo e descrição de línguas, podendo ser útil em pesquisas de diversas áreas das Letras, como sociolinguística, fonologia, morfologia, sintaxe, léxico e discurso, além de facilitar possíveis estudos comparativos futuros. As amostras poderão servir de *corpus* para pesquisas que objetivem a descrição e a análise do português falado em Jaguarão e Rio Branco, a comparação da fala jaguareense com outros dialetos do RS e do Brasil, a testagem de diferentes teorias linguísticas, a comparação do PB com o PU, além de poder vir a ser uma fonte de dados linguísticos contemporâneos. Por isso, associado à criação do COLORES, um projeto integrado vem sendo desenvolvido com o foco na investigação tanto da gramática do português falado quanto do escrito, a fim de contribuir para a descrição e a análise da gramática em diferentes variedades, níveis e sincronias e produzir materiais didáticos para o ensino de gramática socialmente referenciados e coerentes com os resultados encontrados.

A proposta de criação do banco é inspirada em diferentes bancos de dados orais e escritos do português brasileiro, criados a partir dos anos 1970, os quais abrangem diferentes regiões do país, perfis sociais e sincronias. Podemos mencionar como exemplos representativos dessas iniciativas NURC, Peul, PHPB e VARSUL, cujos *corpora* seguem sendo objeto de estudo, permitindo a descrição e investigação de muitas variedades e aspectos do português brasileiro.

Ataliba de Castilho, cujo protagonismo nos esforços para a descrição do PB é inegável, nota o seguinte sobre o contato entre português e espanhol na fronteira Brasil-Uruguaí:

quanto aos contactos entre o Português e o Espanhol da América, tornou-se bem conhecida a situação na fronteira uruguaio-brasileira graças às pesquisas de Hensey (1967), Elizaincin (1979), Elizaincin / Behares / Barrios (1987), Barrios (1999). Está ainda no nível do anedotário o estudo do “portunhol”, como um novo campo de indagações, de interesse para verificar como as comunidades representam a língua do vizinho (Castilho, 2001, p. 276).

Como ficará evidente ao longo do texto, quase 25 anos depois, ainda há muitas lacunas a serem preenchidas nos estudos sobre o tema.

Para fins de organização, os estudos a serem apresentados serão agrupados da seguinte forma: (i) o português falado em Jaguarão (BR): aspectos fonético-fonológicos; (ii) o português falado em Jaguarão (BR): aspectos morfossintáticos; (iii) o português falado em Rio Branco (UY); e (iv) estudos de percepção, atitude, paisagem e política linguística, conforme indicado abaixo³ (Quadro 1).

Quadro 1 — Levantamento de estudos realizados em Jaguarão (BR) e Rio Branco (UY)

| Levantamento de estudos realizados em Jaguarão (BR) e Rio Branco (UY) | |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------|
| (i) O português falado em Jaguarão (BR): aspectos fonético-fonológicos | |
| Análise prosódica de línguas em contato: questões totais no português e no espanhol falado na fronteira Brasil/Uruguai | Adriana Bodolay (2011) |
| Alçamento da vogal média /e/ postônica final no português falado em Jaguarão | Mariana Müller de Ávila; Maria José Blaskovski Vieira (2014) |
| Sândi externo: uma análise preliminar de dados fronteiriços de Rio Branco e Jaguarão | Paula Penteado de David e Cíntia Da Costa Alcântara (2014) |
| O comportamento das vogais postônicas finais na fronteira do Brasil com o Uruguai | Gabriela Tornquist Mazzaferro e Carmen Matzenauer (2019) |
| Vogais postônicas não finais: variação linguística no português fronteiriço | Gabriela Tornquist Mazzaferro e Carmen Matzenauer (2021) |

³ Os trabalhos estão listados em ordem cronológica.

| (ii) O português falado em Jaguarão (BR): aspectos morfossintáticos | |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------|
| A gramaticalização de a gente no português brasileiro: análise histórico-social-linguística da fala das comunidades gaúchas de Jaguarão e Pelotas | Paulo Borges (2004) |
| Os clíticos no português da fronteira gaúcha: Chuí, Jaguarão e Pelotas | Paulino Vandresen (2004) |
| Análise da posição dos clíticos em atas da Câmara de Vereadores de Jaguarão do século XIX | Bruna Gabriela Padula Medeiros (2016) |
| A utilização do pronome me na fronteira sul do Brasil: estudo de caso da cidade de Jaguarão RS | Jairo de Almeida Santana e Leonor Simioni (2016) |
| (iii) O português falado em Rio Branco (UY) | |
| El dialecto “fronterizo” del norte del Uruguay | Jose Pedro Rona (1965) |
| Nos falemo brasileiro: Dialectos portugueses en Uruguay | Adolfo Elizaincín, Luís Behares, Graciela Barrios (1987) |
| Análise da fricativa sibilante /s/ do português do Uruguai | Javier Eduardo Silveira Luzardo (2008) |
| Nas casa sempre em brasileiro: o preenchimento de sujeitos e objetos no PU de Poblado Uruguay | Samanta Cuello Muniz (2017) |
| “Eu te vou dizê” como é a colocação dos clíticos no português uruguaio | Marilza Madeira (2018) |
| Sujeitos nulos no português de Poblado Uruguay | Karoline Gasque de Souza, Lurian da Silveira Chaves, Leonor Simioni (2018) |
| A realização de sujeitos e objetos pronominais no português uruguaio | Leonor Simioni (2019) |
| Sujeitos pronominais no português uruguaio e no português brasileiro: sincronia e diacronia | Leonor Simioni (2021) |
| (iv) Percepção, atitude, paisagem e política linguística | |
| O sociolinguismo da fronteira sul | Fritz Hensey (1969) |
| O falar dos comerciantes brasileiros na fronteira de Jaguarão-Rio Branco | Dania Pinto Gonçalves (2013) |
| As fronteiras internas do “português del norte del Uruguay”: entre a percepção dos falantes e as políticas linguísticas | Henry Daniel Lorencena Souza (2016) |
| Patrimônio linguístico e cultural da fronteira: portunhol como patrimônio imaterial de Jaguarão | Edilson Teixeira (2020) |
| Plurilinguismo na paisagem linguística da fronteira entre Brasil e Uruguai | Dania Pinto Gonçalves (2021) |
| Portunhol usado no gênero cardápio em estabelecimentos comerciais de Jaguarão/RS | Taiciane Corrêa Farias da Silva (2022) |
| Desvendando el paisaje lingüístico de la frontera Jaguarão/Rio Branco | Elizângela Garcia Souza e Luciana Contreira Domingo (2023) |

Fonte: Elaboração própria

2. O português falado em Jaguarão (BR)

Nesta seção serão apresentados os estudos que tratam sobre o português falado na cidade de Jaguarão (BR), em especial aqueles voltados às análises de aspectos fonético-fonológicos e aspectos morfossintáticos.

2.1 Aspectos fonético-fonológicos

No campo fonético-fonológico, são poucos os estudos encontrados, os quais se restringem a uma análise das vogais. Enquanto Bodolay (2011) analisa os padrões prosódicos utilizados em enunciados declarativos e interrogativos por falantes do português em região de contato com a língua espanhola, outros quatro estudos descrevem o comportamento das vogais nas cidades da região.

Ávila e Vieira (2014) apresentam resultados relacionados à variação das vogais e ~ i em posição postônica final, a partir de dados de fala da comunidade de Jaguarão/BR. A hipótese é de que os índices de elevação da vogal seriam baixos devido ao contato com o espanhol, já que o sistema fonológico desta língua não apresenta neutralização entre vogais médias e altas em posição postônica. Foram analisadas 23 entrevistas retiradas do Banco de Dados BDS PAMPA. Diferentemente do esperado, os resultados deste estudo mostraram que houve 98% de ocorrência da vogal /i/ na posição em estudo, o que levou as autoras a não realizarem uma análise estatística, uma vez que a elevação foi praticamente categórica. Logo, o fato de a vogal /e/ ter pouca produção nessa posição indica que há uma mudança linguística em andamento.

Mazzaferro e Matzenauer (2019) analisam as vogais médias postônicas finais no português falado em cinco cidades que fazem fronteira com o Uruguai (Aceguá, Chuí, Jaguarão, Quaraí e Santana do Livramento) a fim de fazer um mapeamento da realização dessas vogais no português fronteiriço, partindo da hipótese da existência de diferenças em relação ao português falado no restante do Rio Grande do Sul e do país, considerando o contato com o espanhol, cujo sistema vocálico é distinto do português em estrutura e funcionamento. Além disso, verificam a escassez de registros de pesquisas que reúnam as cinco cidades que fazem fronteira entre Brasil e Uruguai, além de não haver formalização do fenômeno de elevação vocálica a partir da Teoria da Otimidade Estocástica. Esse recorte, que faz parte de estudo mais amplo (Mazzaferro, 2018), tinha como objetivo: (i) analisar e formalizar o comportamento fonológico das vogais médias postônicas finais do português falado nas cidades localizadas na fronteira com o Uruguai; e, (ii) verificar se há influência do espanhol na fala dos brasileiros que residem na fronteira. Foram entre-

vistados 8 (oito) brasileiros nativos de cada uma das cidades fronteiriças, integralizando 40 (quarenta) informantes – submetidos a uma entrevista sociolinguística, da qual foram extraídas palavras categorizadas como substantivos comuns, classificadas em duas tabelas: uma com palavras terminadas com a vogal /e/ e outra com a vogal /o/.

As análises quali-quantitativas mostram que a hipótese da existência de diferenças no emprego das vogais átonas finais do português das cidades da fronteira com o Uruguai, quando comparado ao português falado no restante do estado e do país, não se confirmou nas cidades de Chuí e Jaguarão, em que em 100% dos dados houve o emprego de vogais altas átonas finais, mas ao se verificarem formas em variação no uso das vogais médias postônicas finais nas outras cidades (Aceguá, Quaraí e Santana do Livramento), pode-se dizer que, nessas comunidades, o espanhol mostra-se condicionador do PB, particularmente nas formas com a átona final /e/. Esses resultados permitem, então, afirmar que, em se referindo ao comportamento das vogais médias em posição átona final, o mapeamento das cinco cidades brasileiras que fazem fronteira com o Uruguai mostra uma especificidade do PB fronteiriço, ao ser comparado com o PB de outras regiões: no PB da fronteira sul, do Brasil com o Uruguai, é ainda variável a preservação das vogais médias, sendo mantida especialmente a vogal coronal /e/.

Mazzaferro e Matzenauer (2021) analisam o comportamento variável das vogais postônicas não finais no português falado em cinco cidades brasileiras que fazem fronteira com o Uruguai (Aceguá, Chuí, Jaguarão, Quaraí e Santana do Livramento). A justificativa para o recorte, que faz parte de estudo mais amplo (Mazzaferro, 2018), está no fato de não haver registro de pesquisa com o foco na formalização do fenômeno de elevação vocálica com o suporte da Teoria da Otimidade Estocástica, nem estudos que contemplem as cinco cidades que fazem fronteira entre Brasil e Uruguai. As autoras pretendem contribuir para: (i) a realização de um mapeamento linguístico do português fronteiriço; e, (ii) análise e formalização do comportamento fonológico das vogais médias postônicas não finais do português falado nas cidades fronteiriças, observando se os falantes brasileiros apresentam a influência do espanhol nas suas produções. A amostra foi constituída por entrevistas de 8 (oito) brasileiros nativos de cada uma dessas cidades, integralizando 40 (quarenta) informantes, a partir da aplicação de um instrumento de produção linguística, a fim de eliciar palavras proparoxítonas, com vogais médias postônicas não finais. Foram testadas 40 palavras com as vogais médias em posição postônica não final – 20 palavras com a vogal dorsal/labial /o/ e 20 com a vogal coronal /e/.

Os resultados apontam que o processo de elevação das vogais postônicas não fi-

nais se mostra presente em todas as cidades de fronteira, mas com índices inferiores ao restante do Rio Grande do Sul e do país, com um percentual de elevação da vogal média /o/ mais alto do que a elevação da vogal média /e/, totalizando 37,5% e 8,9%, respectivamente. As cidades que demonstraram uma prevalência do processo de elevação nessa posição em se considerando os dados da vogal /o/ foram Chuí e Jaguarão. Com relação ao processo de elevação de /e/ nessa mesma posição, as cidades que mais se destacaram foram Aceguá e Jaguarão. O funcionamento das vogais médias postônicas não finais, portanto, mostra variação, mas o índice do emprego da vogal alta é inferior ao do PB falado no restante do estado e do país, especialmente em se tratando da vogal média coronal /e/ e isso é o que evidencia a especificidade da região de fronteira⁴.

Bodolay (2011) apresenta uma análise prosódica de dois aspectos: frequência fundamental, correlato acústico da melodia, e duração, correlato acústico do tempo, de enunciados interrogativos do português falado em Jaguarão e do espanhol falado em Rio Branco, a fim de evidenciar as características de cada um. Foram observadas especificamente a melodia e a duração das sílabas tônicas e átonas. A hipótese da autora é de que o contato linguístico produz efeitos no que diz respeito ao uso da melodia pelos falantes. A metodologia contou com gravações de duas informantes, uma de cada cidade, as quais gravaram cinco enunciados interrogativos em português e cinco enunciados interrogativos em espanhol, cuja estrutura era sujeito e verbo, sendo ambos, SN e SV, compostos por vocábulos oxítonos. Os dados foram analisados no programa Praat, em que foram medidas a frequência fundamental e a duração.

Os resultados indicaram que a melodia das questões totais utilizada pelas falantes dessa fronteira se caracteriza por aspectos pontuais, como duração extra longa das sílabas finais. O movimento melódico complexo, que recai sobre a última tônica do enunciado é semelhante, apesar de haver uma diferença no que se refere à tessitura e ao registro: no caso da variante de Rio Branco, tanto uma quanto o outro são implementados de forma diferente, realizando-se em níveis melódicos mais altos do que a variante jaguareense.

2.2 Aspectos morfossintáticos

No campo morfossintático, os estudos encontrados estão restritos aos pronomes. Enquanto Borges (2004) analisa a gramaticalização de *a gente* no português brasileiro da fronteira sul, outros três trabalhos descrevem o comportamento dos pronomes átonos em cidades da região.

⁴ Santos (2010) traz os dados do Rio de Janeiro (RJ), em que houve 10% de elevação da vogal /e/ e 82% na posição postônica não final; e, Vieira (2002) aponta que, em Porto Alegre (RS), houve 81% de elevação de /e/ e 98% de /o/ nessa mesma posição.

Borges (2004), em sua tese de doutorado, descreve e analisa a gramaticalização de *a gente* no português brasileiro, com foco em aspectos históricos, sociais e linguísticos da fala das comunidades gaúchas de Jaguarão e Pelotas. Fundamentado na Teoria Variacionista (Weinrich, Herzog e Labov, 2006 [1968]) e em estudos sobre gramaticalização (Castilho, 1997), são analisados dois tipos de dados: (i) fala de personagens de onze peças de teatro de autores gaúchos, correspondente a um período de cem anos (1896 até 1995); (ii) fala de sessenta indivíduos das cidades gaúchas de Jaguarão e Pelotas. As entrevistas foram realizadas em 2000 e 2001: trinta e seis em Pelotas (pertencentes ao banco VarX) e vinte e quatro em Jaguarão (pertencentes ao banco BDS PAMPA).

A partir da análise dos dados das peças de teatro, o autor nota que a partir da década de 1960 a forma *a gente* cristaliza-se como pronome pessoal de primeira pessoa do plural; a utilização de *a gente*, em variação com *nós*, está relacionada a condicionadores linguísticos de natureza discursiva, sintática, morfológica e fonológica. Em relação às entrevistas, o autor menciona, entre outras conclusões, que (i) o uso de *a gente* em Pelotas está em um estágio mais adiantado do que em Jaguarão; (ii) a divisão por classe social indica que em Jaguarão a mudança acontece de forma inconsciente; (iii) o uso de *a gente* é maior nas faixas etárias mais jovens nas duas comunidades.

Vandresen (2004) propõe uma investigação sobre o uso e a ordem dos clíticos na fala informal de moradores das cidades de Chuí, Jaguarão – ambas fronteiriças – e Pelotas. A análise se justifica pelo debate entre gramáticos e sociolinguistas sobre a posição (pré ou pós-verbal) em que os pronomes átonos podem ocorrer e pelo fato de, no espanhol, os pronomes átonos poderem ser enclíticos diante de verbos nas formas nominais (ex. *tengo que irme*) ou proclíticos nos demais casos (ex. *lo compraré en efectivo*). Além disso, há diferença entre as línguas quanto à possibilidade de combinação de dois pronomes átonos com o verbo, existente apenas em espanhol (ex. *me lo quitaron* ou *quitáronmelo*). Para tanto, foram analisadas 3.581 ocorrências de pronomes átonos nas posições de objeto direto e objeto indireto em 72 entrevistas do BDS PAMPA, sendo 24 falantes do Chuí, 24 de Jaguarão e 24 de Pelotas, a partir de uma amostra estratificada em dois sexos, três faixas etárias e dois níveis de escolaridade.

Os resultados encontrados pelo autor na análise dos dados das três cidades vão ao encontro de outras análises sobre a colocação dos pronomes átonos no PB falado, revelando a forte tendência à próclise. Os falantes de Chuí e Jaguarão seguem claramente as tendências do PB falado no resto do país, não havendo sob este aspecto influência clara da sintaxe espanhola. Ainda, um fato interessante nestes casos de ênclise é que 64,5%

(31/48) das ocorrências com verbo simples ocorrem na expressão *ir-se embora* (ex. *vou me embora*).

Medeiros (2016), em seu trabalho de conclusão de curso, analisa a posição dos pronomes pessoais oblíquos átonos em documentos oficiais de Jaguarão do século XIX – mais especificamente, do ano de 1845. O recorte temporal se deve às mudanças ocorridas no português brasileiro na passagem do século XIX para o século XX, dentre elas, a posição dos clíticos (Tarallo, 1996). A autora realizou o levantamento da frequência de uso de pronomes em 16 atas da Câmara de Vereadores de Jaguarão, todas redigidas pelo mesmo escrivão.

Os resultados mostram que não há violação da norma gramatical, e que, excluídos os casos de próclise e ênclise obrigatórias, ainda há um leve predomínio da ênclise nos dados, dada a transcrição não fiel da fala dos participantes. Também foi observada a ocorrência de diferentes marcas linguísticas compatíveis com uma gramática do português brasileiro atual, como a omissão do pronome *se* (ex. *a [rua] que ___ segue pela frente do ex-quartel da tropa*) e ausência de concordância entre sujeito e verbo (ex. *as dificuldades que se apresenta nesta Vila*)."

Santana e Simioni (2016) analisam o uso do clítico de primeira pessoa do singular *me* na cidade de Jaguarão (ex. *hoje me acordei às 07:00 da manhã*), devido ao aparente estranhamento de quem chega a esta região a este tipo de dado e ao fato de em outras regiões do país ele já não ser mais tão frequente, conforme apontam Duarte e Ramos (2015). Essa análise parte da coleta de 39 dados provenientes de conversas informais, tanto na Unipampa-Jaguarão quanto no cotidiano da cidade, sem a intervenção de questionários pré-esquematizados. Ainda, não se consideraram variáveis extralinguísticas.

Os resultados da análise mostram que o pronome átono *me* é constantemente utilizado no espaço fronteiro jaguarense, com diferentes funções sintáticas (complemento verbal, dativo ético, entre outras). O aparente estranhamento de quem chega à região está relacionado à diminuição do uso dos pronomes oblíquos em outras regiões, caracterizando, assim, uma variante linguística particular dessa região. Destaca-se também a existência de expressões como "*me dormi*" e "*não me fica mais*" ("*não tem mais*", referindo-se, por exemplo, a uma mercadoria em uma loja), importadas diretamente do espanhol uruguaio e muito recorrentes na fala jaguarense.

3. O português falado na zona de Rio Branco (UY)⁵

Nesta seção serão apresentados os estudos que tratam sobre o português falado na zona de Rio Branco (UY). Primeiramente, abordaremos os trabalhos que propõem uma comparação entre variedades do português falado no Uruguai (aspectos fonético-fonológicos e aspectos morfosintáticos); em seguida, os trabalhos que abordam exclusivamente o português falado na região de Rio Branco.

Rona (1965), a partir de investigações de campo e de questionários enviados por correio, delimita a fronteira linguística no Uruguai, que corresponderia, aproximadamente, às zonas povoadas por brasileiros em 1861. Nessas zonas, o autor identifica dois “dialetos fronteiriços”: um dialeto espanhol com influência portuguesa nos níveis lexical, morfológico e sintático, cujo sistema fônico praticamente não se distingue do encontrado no restante do Uruguai, e um dialeto português com influência castelhana, cujo sistema fonológico e léxico são majoritariamente portugueses, ao qual pertenceria a “variedade jaguareense”, caracterizada por poucos vocábulos castelhanos, morfologia castelhana, uso do *voseo* e presença de traços fônicos portugueses. A descrição fônica da variedade jaguareense fornecida pelo autor evidencia as seguintes características: sistemas consonantal e vocálico como os do português sul-rio-grandense; ausência de vogais epentéticas em contextos de encontro consonantal com fricativas e oclusivas; palatalização das oclusivas alveolares antes de [i]; neutralização de /r/ e /l/ em grupos consonantais.

Luzardo (2008), em sua dissertação de mestrado, descreve e analisa a realização da fricativa sibilante /s/ em final de sílaba nos DPU de Artigas, Rivera, Rio Branco e Chuy, a partir da análise de 2.328 ocorrências retiradas do Banco de Dados do Português do Uruguai (BDPU). O autor observa a ocorrência de três variantes: [s], [z] e [h]. A variante [z] responde à mesma regra do PB, aparecendo em contexto seguinte [+sonoro]; [h] é inovadora em relação ao PB; e [s] se comporta parcialmente como no PB, podendo ocorrer em contexto seguinte [-sonoro] e [+sonoro]. A partir da análise quantitativa realizada mediante o pacote Varbrul, o autor observa, em relação à variedade de Rio Branco, um peso relativo de .81 na realização da variante [h]. O tratamento conjunto das diferenças encontradas entre DPU e PB (ocorrências de [s] no lugar de [z] e ocorrências de [h] no lugar de [s] e de [z]) aponta como relevante a variável comunidade, com um peso relativo de .83 para Rio Branco. Isto é, a variedade do português utilizada em Rio Branco é a que mais se distancia do PB em relação ao fenômeno analisado.

⁵ As primeiras menções à presença de um “dialeto fronteiriço misto” de base portuguesa ao longo de toda a fronteira entre Brasil e Uruguai devem-se a Rona (1963; 1965). Desde então, têm sido propostas diferentes denominações para essa(s) variedade(s): *fronterizo*, *Dialectos Portugueses en Uruguay* (DPU), *portunhol* e *português uruguaio*, entre outras, cada uma refletindo definições e marcos teóricos distintos (Carvalho, 2003). Na discussão desta seção, serão utilizadas a terminologia e a definição adotadas por cada autor.

Elizaincín, Behares e Barrios (1987) se propõem a descrever a morfossintaxe dos *dialectos portugueses del Uruguay* (DPU) a partir de dados coletados mediante gravações de interações com falantes abordados espontaneamente, sem agendamento prévio, em 7 localidades da fronteira Uruguai – Brasil. Para a análise, foram selecionados traços morfossintáticos que se comportam de forma distinta em português e espanhol⁶; para cada traço investigado, observa-se a variabilidade das formas empregadas e se tendem mais ao português ou ao espanhol. Os principais resultados referentes aos dados coletados em Rio Branco são os seguintes: artigos com forte tendência ao português; pronomes possessivos sempre empregados sem artigo antecedente; menor perda de concordância nominal (62%); sem mudança da vogal temática -a- para -e- no presente do indicativo (cf. *ficamo / fiquemo*); predominância de *ter* sobre *haver* impessoal. A análise indica que a variedade de Rio Branco apresenta a maior diferenciação em relação às demais variedades/localidades investigadas.

Muniz (2017), em seu trabalho de conclusão de curso, analisa o preenchimento de sujeitos e objetos pronominais no português uruguaio (PU) falado na localidade de Poblado Uruguay (UY)⁷, comparando ao PB e ao espanhol falado em Rio Branco (UY). Para a análise, a autora baseou-se nos dados do PB conforme descritos na literatura⁸ e realizou entrevistas semi-estruturadas com informantes uruguaio falantes de espanhol da cidade de Rio Branco e com informantes bilíngues nascidos em Poblado Uruguay, cuja língua materna é o português. Os resultados do estudo mostram que o PU apresenta taxas de sujeito nulo maiores que o PB, mas menores do que o espanhol falado em Rio Branco, encontrando-se num “meio termo”. Há preferência por sujeitos nulos na 1ª pessoa do plural e sujeitos preenchidos com a 1ª pessoa do singular. O comportamento sintático dos objetos no PU é bastante próximo ao encontrado no espanhol, com uso dos clíticos de terceira pessoa *lo(s)*, *la(s)*, *le(s)*, ocorrências de duplicação de objeto e subida de clíticos, como em *le disseram pra ela; me tenho relacionado com gente que tá bem*.

Madeira (2018), em seu trabalho de conclusão de curso, descreve a colocação dos clíticos no corpus do PU coletado por Muniz (2017), dedicando especial atenção à subida de clíticos. Os resultados mostram que, em construções com apenas um verbo, os clíticos sempre precedem os verbos simples conjugados e o gerúndio, ficando enclíticos

⁶ Por exemplo, a forma dos artigos, pronomes e preposições e a morfologia verbal.

⁷ Trata-se de uma pequena localidade rural uruguaia situada na fronteira com o Brasil, a aproximadamente 30km de Rio Branco.

⁸ Especialmente Berlinck, Duarte e Oliveira (2015) e Cyrino, Nunes e Pagotto (2015).

aos imperativos; com infinitivos, a posição do clítico pode ser enclítica ou proclítica. Já em sequências verbais há subida de clíticos em todas as perífrases e também com verbos causativos, mas não com verbos de reestruturação. A autora também compara os resultados com a colocação pronominal no PB, no português europeu e no espanhol, concluindo que essa variedade possui características próprias.

Souza, Chaves e Simioni (2018) investigam a presença de propriedades de línguas de sujeito nulo no PU a partir do corpus ampliado coletado por Muniz (2017). As autoras tomam a inversão livre de sujeito e o paradigma flexional como foco da investigação, por serem as propriedades mais facilmente observáveis em dados espontâneos, e também examinam detalhadamente os contextos sintáticos de ocorrência de sujeitos nulos de referência definida no corpus. Os dados analisados apresentam características compatíveis com as línguas de sujeito nulo, como a presença de inversão livre, paradigma flexional rico e predomínio de sujeitos nulos em contextos que favorecem seu preenchimento no PB, o que é tomado como indício de que essas duas variedades possuem gramáticas distintas.

Simioni (2019) descreve a realização de sujeitos e objetos pronominais no PU a partir do corpus ampliado coletado por Muniz (2017). Em relação ao sujeito, a autora observa um paradigma com seis formas pronominais (a saber: *eu, tu, ele/ela, nós, vocês, eles/elas*, sem as formas *vos, ustedes, nosotros* do espanhol e também sem as formas inovadoras *você e a gente* do PB) e a presença de variação na concordância entre sujeito e verbo. Sujeitos de referência indeterminada são expressos preferencialmente pela 3ª pessoa do plural com sujeito nulo, sendo frequente também a forma *um* impessoal e, em menor medida, a 3ª pessoa do singular acompanhada de *se*, a forma *a gente* e o pronome *tu*. Já os objetos podem ser realizados como clíticos, nulos ou pronomes retos, sendo esses últimos sempre empregados para retomar referentes [+ humanos]. Os clíticos de 3ª pessoa são produtivos tanto na forma acusativa (*lo(s), la(s)*) quanto dativa (*le(s), lhe(s)*). Em relação às retomadas anafóricas, tanto na posição de sujeito quanto na posição de objeto os pronomes retos de 3ª pessoa são empregados exclusivamente com referentes [+ humanos]. Na posição de objeto, referentes inanimados são retomados preferencialmente por nulos. Os clíticos podem retomar tanto referentes animados quanto inanimados. A descrição apresentada difere tanto da gramática do PB quanto da gramática do espanhol, corroborando a hipótese de que o PU possui uma gramática própria.

Simioni (2021) explora a hipótese de que o PU preserva características sintáticas do português falado no Brasil até a primeira metade do século XIX, especificamente o sujeito nulo. Retomando os resultados de Souza, Chaves e Simioni (2018) e Simioni

(2019) sobre a expressão dos sujeitos pronominais no PU e cotejando-os a dados diacrônicos do PB do final do século XIX e início do século XX, a autora mostra que as características encontradas nesta variedade do português, embora não sejam compatíveis com a gramática do PB atual, são encontradas nos dados diacrônicos do PB.

4. Percepção, atitude, paisagem e política linguística

Nesta última seção de análise, apresentamos trabalhos que abordam um panorama linguístico geral da região da fronteira sul, sendo eles referentes ao contato linguístico das cidades vizinhas, às atitudes dos falantes frente às variedades linguísticas, à paisagem linguística da região e às políticas que envolvem as variedades do português e espanhol.

Hensey (1969) analisa o contato linguístico nas cidades-gêmeas da fronteira sul Santana do Livramento-Rivera e Jaguarão-Rio Branco por meio de cinco variáveis: i) convívio fronteiriço, ii) presença e penetração do espanhol em terras brasileiras e do português em terras uruguaias, iii) aquisição e emprego de cada língua, iv) índices de interferência fonológica, v) tipos de interferência do espanhol no português e vice-versa. A metodologia, inspirada nos estudos labovianos, envolve levantamentos de dados e entrevistas realizadas no ano de 1965. A conclusão do estudo é de que uma das línguas está em situação dominante ou pelo menos privilegiada. No caso das cidades-gêmeas analisadas, a língua privilegiada é o português.

Gonçalves (2013) objetiva descrever a prática linguística de comerciantes jaguaenses e identificar qual a atitude linguística do grupo para com o seu falar, justificada pela presença do fenômeno do code-switching⁹ na localidade. Com base em estudos de contato linguístico na fronteira BR-UY (Elizaincín; Behares; Barrios, 1987) e bilinguismo (Macnamara, 1969), a autora analisa gravações individuais de 40 comerciantes e comerciários no lado brasileiro do par Jaguarão-Rio Branco. Houve controle de três variáveis: gênero, tempo de serviço e estudo de espanhol em alguma instituição de ensino. A partir dos resultados, a autora chega a algumas considerações: (i) os sujeitos são bilíngues desequilibrados, pois dominam como nativos o português, e, em diferentes graus, o espanhol; (ii) a prática linguística não corresponde a um DPU, mas ao fenômeno de code-switching; (iii) os comerciantes e comerciários identificam a existência de uma terceira prática linguística, que vai além do português e do espanhol; (iv) a grande maioria dos informantes (75%) se identifica com esse terceiro modo de falar na fronteira.

Gonçalves (2021) descreve e compreende o papel da presença visual das línguas

⁹ Code-switching é, segundo Gumperz (1982, p. 59, tradução livre), “a justaposição dentro do mesmo fragmento de fala de passagens pertencentes a dois sistemas ou subsistemas gramaticais distintos”.

no espaço plurilíngue da fronteira entre Brasil e Uruguai. Fundamentada em estudos de paisagem linguística, a autora analisa dados de 10 localidades em uma amostra de 7.251 fotografias e 3.315 unidades de análise da fronteira Brasil – Uruguai, distribuídas nos pares de cidades fronteiriças, incluindo o par Jaguarão-Rio Branco. A autora conclui que há um espaço fronteiriço notoriamente plurilíngue, em que se observam línguas como árabe, mandarim, inglês, francês, entre outras.

Silva (2022) analisa a utilização do portunhol nos cardápios de dois estabelecimentos comerciais de Jaguarão com os objetivos de: identificar que sentidos o uso do portunhol tem para os comerciantes desses ambientes de circulação; observar, a partir dos relatos dos proprietários, qual a reação dos clientes em relação ao uso do portunhol; e discutir como as pessoas entendem essa terceira língua, o portunhol. A análise se justifica pelo fato de existir um fluxo muito grande de pessoas de outros países, como Uruguai, na fronteira da cidade de Jaguarão. Para tal análise, a autora, além da pesquisa bibliográfica, coletou registros fotográficos dos cardápios e aplicou um questionário aos comerciantes. Por fim, conclui que a utilização das duas línguas (português e espanhol) busca facilitar o entendimento dos clientes ao ler o cardápio de produtos oferecidos no local.

Souza e Domingo (2023) desvendam a paisagem linguística da fronteira Jaguarão–Rio Branco sob a justificativa de que as cidades vizinhas compartilham comércios, escolas e outros locais de ampla circulação. Com base em estudos sobre paisagem linguística (Landry; Bouhris, 1997), as autoras delimitaram o local, realizaram a coleta, a seleção e a descrição de imagens presentes nas vias públicas e analisaram os discursos escritos presentes nas imagens. Os dados comprovam que há bilinguismo na fronteira. A paisagem linguística revela a presença indistinta do português e do espanhol nos mesmos espaços discursivos, indicando uma maneira própria de os moradores da fronteira se relacionarem.

Souza (2016) tem o objetivo de analisar o contato linguístico entre o espanhol e o português nas regiões bilíngues uruguaias, com destaque às percepções dos falantes e sua relação com as políticas linguísticas vigentes, já que há presença histórica do português na região fronteiriça e não apenas devido à influência exercida pelo Brasil. A partir da análise pluridimensional de Thun (1998), o autor analisou documentação histórica e aplicou um questionário, tendo como informantes 40 indivíduos (divididos de acordo com o sexo, a faixa etária e o grau de instrução) em cada um dos pontos pesquisados: Chuy, Río Branco, Rivera, Artigas e Montevideu.¹⁰ Os dados revelam que há heterogeneidade nos diferentes pontos de fronteira pesquisados. Algumas fronteiras internas estão sendo

¹⁰ Nas cidades de fronteira, as entrevistas foram feitas em português (falantes bilíngues) e em Montevideu em espanhol (falantes monolíngues).

superadas ou criadas por uma geração sobre a outra, ou seja, diferentes gerações avaliam diferentemente o contato linguístico. No Chuy, por exemplo, a fronteira é superada e há maior receptividade ao português por parte da geração mais jovem. Em Ríó Branco acontece o contrário: a geração mais jovem é a que mais cria barreiras para o contato linguístico. Segundo o autor (p. 141), “em Ríó Branco há uma diminuição considerável do prestígio do português entre os mais jovens, indicando que no passado a língua teve uma maior importância no dia a dia de seus habitantes”.

Teixeira (2020) debate o *status* do portunhol de Jaguarão como patrimônio cultural imaterial brasileiro no Inventário Nacional da Diversidade Linguística do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). A partir de estudos sobre formação de memória e identidade (Halbwachs, 2006) e política e contato linguístico (Fonseca, 2000), o autor realiza o levantamento de questões políticas, geográficas, linguísticas e socioculturais e mostra que há pendências quanto ao registro do portunhol no IPHAN. Quando isso for feito, haverá mais prestígio dessa variedade que ainda é estigmatizada.

5. Considerações finais

A gramática de variedades linguísticas faladas em regiões de fronteira é influenciada por características das línguas de seu entorno – nesse caso, do português e do espanhol. É o que mostra o presente texto, que se propôs a mapear estudos linguísticos do português falado nas cidades de Jaguarão (BR) e de Rio Branco (UY) com o objetivo de contribuir para a análise e a formalização da gramática do português fronteiriço.

O levantamento de referências na área nos permitiu verificar em que medida estão os estudos descritivos do português falado na região. Em relação ao português falado em Jaguarão, descrito na seção 2, no campo fonético-fonológico há maior destaque para a descrição do sistema vocálico, havendo espaço para trabalhos sobre o sistema consonantal ou sobre unidades suprasegmentais. No campo morfossintático, a totalidade dos estudos encontrados trata do quadro pronominal - seja com a inserção de *a gente*, seja com a descrição do uso dos pronomes átonos. Cabe destacar que não há nenhum trabalho de cunho morfológico, semântico ou pragmático; quanto à sintaxe, há lacunas na descrição sincrônica e diacrônica de fenômenos como preenchimento de sujeitos e objetos pronominais, colocação pronominal, realização da concordância verbal e nominal, para citar alguns.

Os trabalhos a respeito do português falado na cidade Rio Branco, explorados na seção 3, configuram duas vertentes distintas. Os estudos pioneiros apresentam panoramas mais gerais da variedade em questão. Nessas análises, que tratam de diversas locali-

dades fronteiriças, vemos que outras cidades uruguaias são mais exploradas do que Rio Branco. Já os estudos mais recentes, específicos sobre a variedade de Rio Branco, focam na estrutura morfossintática, com pesquisas sobre o uso dos pronomes átonos e o preenchimento (ou não) das posições de sujeito e objeto. Os resultados apontam para um sistema com uma gramática própria, que ainda carece de investigações com um número maior de dados e análises comparativas. Há escassez de descrição de diversos aspectos linguísticos sincrônicos e diacrônicos. Além disso, encontramos um único estudo que compara diretamente a variedade de Rio Branco a variedades na mesma zona.

Por fim, com base na seção 4, os estudos linguísticos mais amplos, que tratam de atitudes dos falantes e de paisagem e política linguística, são a grande maioria e revelam a complexa atividade linguística dos moradores da fronteira. Há contato linguístico em virtude de atividades comerciais, culturais e familiares, o que propicia práticas linguísticas diferentes de outras regiões, as quais precisam ser exploradas de forma sistemática.

De modo geral, a partir das descrições do português falado em Jaguarão e Rio Branco, podemos afirmar que há escassez de trabalhos com dados linguísticos sincrônicos e diacrônicos na região Extremo Sul do Brasil. Tais aspectos justificam a proposição dos projetos intitulados Gramática do português: aquisição, variação e ensino; Gramática do Português: teoria, análise e ensino; e, Gramática do Português: história, contato e ensino¹¹, uma iniciativa conjunta que pretende investigar a gramática do português falado e escrito em diferentes variedades e níveis de análise por meio de metodologias qualitativas, quantitativas, mistas ou documentais, a depender do fenômeno analisado. Com esta iniciativa, esperamos contribuir para a descrição e a análise da gramática do português em diferentes variedades, níveis de análise e sincronias e produzir materiais didáticos para o ensino de gramática socialmente referenciados e coerentes com os resultados encontrados na pesquisa.

Além disso, este artigo de revisão bibliográfica revela que as amostras de dados de Jaguarão e/ou Rio Branco quase sempre estão embutidas, de forma menos privilegiada, em análises que tratam de um panorama mais geral da região fronteiriça. Contudo, nem todas as regiões de fronteira podem ser caracterizadas da mesma forma. Alguns estudos de caráter comparativo mostram que o português falado em Jaguarão se distancia do português de outras cidades fronteiriças (cf. Mazzaferro e Matzenauer, 2018), do português de Rio Branco (cf. Muniz (2017), Simioni (2019), Souza (2016), Souza, Chaves e Simioni (2018)) e do espanhol (cf. Vandresen (2004)), merecendo, portanto, atenção especial.

¹¹ Estes projetos estão vinculados ao Grupo de Pesquisa Línguas e Literaturas na Fronteira e ao Núcleo de estudos Formais da Linguagem (Formalin) do Laboratório de Linguística do português (LALIP), da Universidade Federal do Pampa – Campus Jaguarão.

Esse caráter peculiar vai ao encontro de Couto (2011, p. 373-375), que propõe a existência de quatro tipos de contato:

- (i) membros de um povo se deslocam para o território de um povo com língua relativamente consolidada (ex. imigrantes latinos nos EUA);
- (ii) membros de um povo mais forte (econômica, militar e politicamente) se deslocam para o território de uma população menos forte nesse sentido (ex. potências colonizadoras na África e na América);
- (iii) tanto o povo “mais fraco” quanto o povo “mais forte” se deslocam para um terceiro território (ex. ocupação de ilhas por colonizadores e escravos);
- (iv) cada povo permanece no respectivo território, viajando esporádica e temporariamente para o território do outro povo (ex. deslocamento de russos para a Noruega no verão).

Ainda, para o autor, há diferença no contato entre cidades separadas por acidentes geográficos ou não. As fronteiras BR – UY separadas por rio, sobre as quais há pouca literatura e poucos dados de análise linguística, pertencem ao tipo de contato (iv), em que há trocas frequentes, mas “a interação entre moradores [...] não é tão intensa e íntima como a que se dá entre moradores das duas partes [de cidades-gêmeas]” (p. 383). O caso das cidades de Santana do Livramento – Rivera, Aceguá – Aceguá e Chuí – Chuy é mais complexo e não se encaixa em nenhuma das classificações do autor, já que não há acidente geográfico separando os territórios. São, portanto, uma única comunidade de fala. Nesses casos,

Chuí/Chuy, Aceguá/Aceguá e Santana do Livramento/Rivera são delimitados pelos próprios habitantes como ecossistemas linguísticos únicos, embora complexos, portanto, comunidades de fala. [...] Em suma, o território leva a uma maior interação, que nos autoriza a delimitá-lo como uma única comunidade de fala (Couto, 2011, p. 388).

As conclusões expostas ao longo do texto, somadas à proposta de Couto (2011), revelam a importância de não tratarmos a fronteira BR – UY de modo homogêneo. Nesse sentido, cabe mencionar a importância da construção de um banco de dados específico da região da Jaguarão e Rio Branco. Embora dados de Jaguarão estejam presentes no BDS PAMPA (Borges e Brisolara, 2020)¹², há especificidades na região que precisam ser levadas em consideração. O banco COLORES, em fase de coleta e transcrição de entrevistas

¹² De acordo com Borges e Brisolara (2020, p. 83), o BDS PAMPA possui 24 entrevistas realizadas com participantes de Jaguarão, sendo eles estratificados em sexo (2: feminino; masculino), faixa etária (5: 16-25; 26-37; 38-49; 50-64; mais de 64) e escolaridade (2: informantes analfabetos ou máximo quinta série; a partir do primeiro ano do segundo grau, sem limite).

semiestruturadas, tem sua metodologia estabelecida com base nos dados do IBGE e do SEBRAE-RS para a cidade e apresenta estratificação em sexo (2: feminino; masculino), faixa etária (2: 25-39; 40-59; mais de 60 anos) e escolaridade (3: até 4 anos; 5-9; mais de 10 anos). Além disso, conta com representatividade de diferentes regiões das cidades na seleção dos participantes (ex. célula social preenchida minimamente por um morador do centro, um da periferia e um de área rural ou quilombola). A margem de 3 a 5 informantes por célula social corresponde a um mínimo de 54 e um máximo de 90 participantes. Com a criação de um banco de dados de fala de Jaguarão (RS) e Rio Branco (UY), pretendemos registrar e documentar o português falado na região e valorizar a cultura local.

Referências

ÁVILA, M. M., VIEIRA, M. J. B. *O Alçamento da vogal média /e/ postônica final no português falado em Jaguarão*. Apresentação de Trabalho/Comunicação no XXII Congresso de Iniciação Científica da Universidade Federal de Pelotas. 2014. Disponível em: https://cti.ufpel.edu.br/siepe/arquivos/2014/LA_02691.pdf. Acesso em 20 nov. 2024.

BEHARES, L. Português del Uruguay y educación fronteriza. In: BROVETTO, C.; GEYMONAT, J.; BRIAN, N. (Org.) *Portugués del Uruguay y educación bilingüe*. Montevideo: ANEP, 2007. p. 99-171.

BERLINCK, R.; DUARTE, M.; OLIVEIRA, M. Predicação. In: KATO, M.; NASCIMENTO, M. (orgs.). *A construção da sentença*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 81-149.

BODOLAY, A. N. Análise prosódica de línguas em contato: questões totais no português e no espanhol falado na fronteira Brasil/Uruguai. *Anais do III Colóquio Brasileiro de Prosódia da Fala*, v. 1, p. 24-31, 2011. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/anais_coloquio/article/view/1199. Acesso em 20 nov. 2024.

BORGES, P. R. S. *Agramaticalização de “a gente” no português brasileiro*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/4003>. Acesso em 20 nov. 2024.

BORGES, P. R. S.; BRISOLARA, L. B. Banco de dados sociolinguísticos da fronteira e da campanha sul-rio-grandense – BDS PAMPA – um percurso histórico. *Revista do GEL*, v. 17, n. 2, 2020, p. 82-101. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/2107>. Acesso em 20 nov. 2024.

CARVALHO, A. M. Rumo a uma definição do português uruguaio. *Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana*, v. 2, 2003, p. 125-150. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/41678174>. Acesso em 20 nov. 2024.

CASTILHO, A. T. de. A gramaticalização. *Estudos Linguísticos e Literários*. Salvador, n. 19, p. 25-63, 1997.

CASTILHO, A. T. de. Políticas lingüísticas no Brasil: o caso do português brasileiro. *Lexis*, v. 25, n. 1 e 2, 2001, p. 271-297. Disponível em: <https://revistas.pucp.edu.pe/index.php/lexis/article/view/4969>. Acesso em 20 nov. 2024.

CASTILHO, A (coord.). *História do português brasileiro*. 11 vols. São Paulo: Contexto, 2018-22.

COUTO, H. H. Contato entre português e espanhol na fronteira Brasil-Uruguai. In: MELLO, H.; ALTENHOFEN, C. V.; RASO, T. (Org.). *Contatos linguísticos no Brasil*. 1ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 369-395.

CYRINO, S.; NUNES, J.; PAGOTTO, E. Complementação. In: KATO, M.; NASCIMENTO, M. (orgs.). *A construção da sentença*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 37-80.

DUARTE, M. E. L.; RAMOS, J. Variação nas funções acusativa, dativa e reflexiva. In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. (Org.). *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. 1ed. São Paulo: Contexto, 2015, p. 173-195.

ELIZAINCÍN, A.; BEHARES, L. E.; BARRIOS, G. *Nos falemo Brasileiro: Dialectos portugueses en Uruguay*. Montevideo: Amesur, 1987.

FONSECA, M. C. L. Referências Culturais: base para novas políticas de patrimônio. In: *O registro do patrimônio imaterial: dossiê final das atividades da comissão e do grupo de trabalho patrimônio imaterial*. 2000. IPHAN.

GALVES, C.; KATO, M. A.; ROBERTS, I. *Português brasileiro: uma segunda viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 2019.

GONÇALVES, D. P. *O falar dos comerciantes brasileiros na fronteira de Jaguarão-Rio Branco*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pelotas, 2013, 132 p. Disponível em: <https://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/123456789/2173>. Acesso em 20 nov. 2024.

GONÇALVES, D. P. *Plurilinguismo na paisagem linguística da fronteira entre Brasil e Uruguai*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2021, 154 p. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/233742>. Acesso em 20 nov. 2024.

GUMPERZ, John. *Discourse strategies*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1982.

HALBWASCHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Ed. Centauro, 2006.

HENSEY, F. *O sociolinguismo da fronteira sul*. II Congresso da Associação de Linguística e Filologia da América Latina, 1969, p. 107-116.

LANDRY, R.; BOUHRIS, R. Linguistic landscape and ethnolinguistic vitality: an empirical study. *Journal of Language and Social Psychology*, v. 16, n. 1, 1997, p. 23-49. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0261927X970161002>. Acesso em 20 nov. 2024.

LUZARDO, J. E. S. *Análise da fricativa sibilante /s/ do português do Uruguai*. Dissertação de Mestrado. Universidade Católica de Pelotas. 2008. 115p. Disponível em: <http://tede.ucpel.edu.br:8080/jspui/handle/tede/67>. Acesso em 20 nov. 2024.

MACNAMARA, J. How can one measure the extent of a person's bilingual proficiency? In: KELLY, L. *Description and measure of the bilingualism*. Toronto: University of Toronto Press, 1969.

MADEIRA, M. "Eu te vou dizê" como é a colocação dos clíticos no português uruguaio. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Pampa, Jaguarão, 2018. 30 p. Disponível em: <https://dspace.unipampa.edu.br/handle/riu/3554>. Acesso em 20 nov. 2024.

MAZZAFERRO, G. T. *Vogais médias postônicas do português: Um estudo de variação linguística no extremo sul do Brasil*, Tese de Doutorado. Universidade Católica de Pelotas. 2018. 187p. Disponível em: <http://tede.ucpel.edu.br:8080/jspui/handle/jspui/727>. Acesso em 20 nov. 2024.

MAZZAFERRO, G. T.; MATZENAUER, C. L. B. O comportamento das vogais postônicas finais na fronteira do Brasil com o Uruguai. *Revista Linguística (Online)*, v. 35, p. 57-79, 2019. Disponível em: <https://www.mundoalfal.org/ojs/index.php/Revista/article/view/7>. Acesso em 20 nov. 2024.

MAZZAFERRO, G. T.; MATZENAUER, C. L. B. Vogais postônicas não finais: Variação linguística no português fronteiriço. In: Carmen Matzenauer; Dermeval da Hora. (Org.). *Linguagem: Variação e estrutura da língua*. 1. ed. Campinas - SP: Pontes Editores, 2021, v. 1, p. 38-70.

MEDEIROS, B. G. P. *Análise da posição dos clíticos em atas da Câmara de Vereadores de Jaguarão do século XIX*. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Pampa, Jaguarão, 2016. 28 p. Disponível em: <https://dspace.unipampa.edu.br/handle/riu/2358>. Acesso em 20 nov. 2024.

MUNIZ, S. C. “*Nas casa sempre em brasileiro*”: o preenchimento de sujeitos e objetos pronominais no PU de Poblado Uruguay. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Pampa, Jaguarão, 2017. 77p. Disponível em: https://dspace.unipampa.edu.br/handle/riu/2369?locale=pt_BR. Acesso em 20 nov. 2024.

ROBERTS, I.; KATO, M. A. *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

RONA, J. P. La frontera lingüística entre el portugués y el español en el norte del Uruguay. *Veritas*, v. VIII, n. 2, p. 201-221, 1963.

RONA, J. P. *El dialecto “fronterizo” del norte del Uruguay*. Montevideo: Adolfo Linardi, 1965.

SANTANA, J. de A.; SIMIONI, L. A utilização do pronome me na fronteira sul do Brasil: estudo de caso da cidade de Jaguarão RS. *RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*, v. 2, ed. especial, 2016, p. 654-664. Disponível em: <https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/326>. Acesso em 20 nov. 2024.

SANTOS, A. de P. *Vogais médias postônicas na fala do Estado do Rio de Janeiro*. Dissertação (Mestrado em Letras). Rio de Janeiro: UFRJ/ FL, 2010.

SIMIONI, L. A realização de sujeitos e objetos pronominais no português uruguaio. *Fórum linguístico*, v. 16, n. 1, 2019, p. 3601-3611. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2019v16n1p3601>. Acesso em 20 nov. 2024.

SIMIONI, L. Sujeitos pronominais no português uruguaio e no português brasileiro: sincronia e diacronia. In: BÉRTOLA, C.; OGGIANI, C.; POLAKOF, A. C. (Org.). *Estudios de lengua y gramática*. Montevideo: Universidad de la República, 2021, p. 119-129.

SILVA, T. C. F. da. *Portunhol usado no gênero cardápio em estabelecimentos comerciais de Jaguarão/RS*. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Pampa, Jaguarão, 2022. 22 p. Disponível em: <https://repositorio.unipampa.edu.br/jspui/handle/riu/8996>. Acesso em 20 nov. 2024.

SOUZA, H. D. L. *As fronteiras internas do “portugués del norte del Uruguay”*: entre a percepção dos falantes e as políticas linguísticas. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016, 187 p. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/142915>. Acesso em 20 nov. 2024.

SOUZA, K. G. de; CHAVES, L. da S.; SIMIONI, L. Sujeitos nulos no português de Poblado Uruguay. *PAPIA*, v. 28, n. 1, p. 7-24, 2018.

SOUZA, E. G.; DOMINGO, L. C. Desvendando el paisaje lingüístico de la frontera Jaguarão/Río Branco. In: DOMINGO, L. C. ¿Puede hablar el fronterizo? Notas sobre el paisaje lingüístico de la frontera Jaguarão/Río Branco. Bagé: Innova Media Comunicação e Serviços Empresariais, 2023, p. 12-25.

TARALLO, F. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX. In: ROBERTS, I.; KATO, M. (Orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica – homenagem a Fernando Tarallo*. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, p. 69-105. Coleção Repertórios, 1996.

TEIXEIRA, E. Patrimônio linguístico e cultural da fronteira: portunhol como patrimônio imaterial de Jaguarão. In: SANTOS, A. B.; MACHADO, J. P. *Pesquisando e pensando o patrimônio: estudos de casos e problemas teóricos*. 1. ed. Jaguarão: EdiCon, 2020, p. 38-52.

THUN, H. La geolingüística como lingüística variacional general (con ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). In: *International Congress of romane Linguistics and Philology*. Tübingen: Niemeyer, 1998, p. 701-729.

VANDRESEN, P. Os clíticos no português da fronteira gaúcha: Chuí, Jaguarão e Pelotas. *Anais da XX Jornada GELNE*. João Pessoa, 2004, p. 2083-2090.

VIEIRA, M. J. B. As vogais médias postônicas. Uma análise variacionista. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRSP, p. 127-159, 2002.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de M. Bagno; rev. C. A. Faraco. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

